

Rosiska Darcy de Oliveira

ELOGIO
DA
DIFERENÇA

O FEMININO EMERGENTE

Rocco

Este livro é uma tentativa de aproximação dos territórios do feminino. Seguindo veredas, foi possível, aqui e acolá, mapear fronteiras. Não mais que isso.

Ao apresentar *A paixão segundo G. H.*, Clarice Lispector disse que ficaria contente se só fosse lida por aqueles de alma já formada, que sabem que a aproximação do que quer que seja se faz gradualmente e penosamente, atravessando, inclusive, o oposto daquilo de que nos vamos aproximar. Aprendi com Clarice, que ajudou a formar-me a alma, e sei hoje que se aproximar dos territórios do feminino exige a travessia dos territórios do masculino. E essa travessia foi e é para as mulheres uma espécie de exílio, em suas dimensões múltiplas de estranheza, de solidão, mas também de aventura, de enriquecimento e de lucidez.

Na experiência do exílio, o óbvio perde a naturalidade e, no confronto do outro, nos surpreendemos outro de alguém, estabelecemos comparações, avaliamos aspectos nossos de que antes nunca nos distanciáramos e, por isso mesmo, sequer reconhecêramos. Nenhum espelho revela melhor a identidade que o exílio.

A incursão das mulheres no mundo dos homens – sua entrada nessa cultura estrangeira, o aprendizado de novos códigos – permitiu que se manifestassem incompatibilidades que, como arestas, impedem que uma peça de mosaico se encaixe num lugar que não é o seu. Não se trata mais de forçar esse encaixe ao preço de mutilações. Para além da igualdade

como mimetismo, as mulheres estão hoje buscando a diferença como identidade. Mas a simples formulação, o dizer dessa diferença é improvável quando, para fazê-lo, dispõe-se de um arsenal de palavras e conceitos alheios. Quando essa diferença deve se exprimir a partir de um discurso que, ele mesmo, é masculino.

Não é, certamente, um acaso que os primeiros traços de emergência do feminino apareçam timidamente na literatura do começo do século XX, refugiados no imaginário, lá onde a fantasia insubmissa supera a descrição do mundo e busca inventá-lo. A literatura não foi para as mulheres uma simples transgressão das leis não escritas que lhes proibiam o acesso à criação. Foi, muito mais que isso, um território liberado, clandestino, pulsando ao ritmo emocional dessa clandestinidade e desse risco. Saída secreta da clausura da linguagem e de um pensamento que as pensava e descrevia *in absentia*.

Depois da arte como escapatória, veio o tempo da ciência como desafio. Assumir a ciência como projeto possível foi, para muitas mulheres, uma transgressão mais grave do que fora para suas ancestrais abandonar-se ao imaginário. Apropriação indébita do mais precioso instrumento da cultura masculina, a intimidade com a ciência só foi possível para as mulheres – e assim é ainda hoje – ao preço de uma estranha ambiguidade. E da descoberta, ao conquistarem o status de cientistas, da natureza ficcional do conceito, frágil versão do mundo que vive à temperatura da sua própria dissolução. Quantas surpresas!

Minha geração encontrou o tempo em que, às mulheres, coube o custo de se perder. De, subitamente, no espaço de uma vida, ver dissolverem-se certezas milenares, sentir fugir o chão debaixo dos pés. E, por isso mesmo, ter que assumir de agora em diante a inédita autoria do Feminino. Autoria que se impõe quando elas não se reconhecem mais em imagens, vivências e representações que ecoavam o “eterno feminino”

dos poetas, quando aceitam a travessia da ambiguidade como preço de experiências desejadas e temidas e se dispõem a encarar o vazio como ponto de partida.

As mulheres tentaram a passagem da fronteira do mundo dos homens, arrastando, escondidas, as raízes plantadas em casa. Adotaram estilos de vida masculinos sem que os homens se feminizassem. Assim ficaram, entre dois mundos, compatibilizando estilos de vida e modos de comunicação diferentes, recebendo da sociedade uma ordem esquizofrenizante: seja homem e seja mulher. E foi assim que o sonho de igualdade tropeçou no impossível. Porque a um homem se pede que seja única e exclusivamente homem, aquele que representa a regra e o padrão face ao qual a mulher deve ser ao mesmo tempo igual e diferente.

Mas ninguém pode ser, ao mesmo tempo, si mesmo e o Outro.

Longe do eterno feminino, para além da ambiguidade, resposta possível a mensagens contraditórias, a autoria do feminino é, antes de mais nada, a de uma linguagem para dizê-lo, invenção que lhe permita exprimir-se sem fechar-se na lógica das definições que, entretanto, são incessantemente exigidas das mulheres. Porque, do ponto de vista da lógica masculina, negá-la significa fatalmente afirmar o seu oposto, dito com as mesmas palavras, dentro de um mesmo quadro de referência. Inconcebível, pois, uma lógica outra, em que conte mais o aproximar-se do que ainda é indefinido do que o apropriar-se de uma identidade pré-fabricada no espelho dos homens. Aproximar-se do feminino, inventando-o a cada dia, é o movimento que farão as mulheres neste fim do século XX.

O feminino não é mais o que era antes e não é mais possível defini-lo senão como um processo profundo de desorganização, ou, banalmente falando, de transformação. Quebrou-se o mecanismo mais confortável do pensamento, o que define

alguma coisa pelo seu contrário, mudando o sinal, invertendo características. Assim, masculino e feminino se definiam por essa inversão de sinais, por uma relação de exclusão mútua que alguns preferiam, benignamente, chamar de complementaridade. Mas a História prepara armadilhas e nosso tempo confrontou homens e mulheres com questões insólitas, imprevisíveis no passado que se apoiava em um suposto equilíbrio. Mudou o lugar social das mulheres, mudou sua experiência do mundo. As mulheres ficaram, assim, divididas entre passado e futuro, entre memória e projeto.

O Feminismo plantou suas raízes nessa *no man's land*. Como todo movimento social, ele chega como desafio e exigência de transgressão de uma ordem que, confundida com o senso comum, vigorou ao longo dos tempos, atribuindo ao masculino o direito de definir o feminino como seu avesso. Vivemos hoje o desmentido dessa ordem, o mergulho numa desordem que, paradoxalmente, é organizadora.

A ideia da igualdade entre os sexos, primeiro estágio da transgressão, parece absorvida nas pontas mais desenvolvidas da sociedade. Em graus diversos, mas em toda parte, abrem-se às mulheres possibilidades existenciais até então bloqueadas. E, no entanto, a interrogação sobre a relação entre os sexos se radicaliza. O feminismo da igualdade se prolonga como feminismo da diferença. E, a partir daqui, o entendimento se complica. Estariam as mulheres, numa espécie de surto passadista, reinvestindo o passado e subscrevendo ideias que há um século vêm combatendo? Certamente não. E ver semelhanças entre o feminismo da diferença e o ideário que, impregnando o social, discriminava as mulheres é um grave erro de perspectiva.

O olhar voltado para o passado se inscreve no processo de busca de identidade. Porque a identidade não pode evitar uma referência aos gestos que modelam o cotidiano e que situam

o olhar feminino sobre a vida em um ponto de vista específico, balizado por uma acumulação de experiências, por um estar no mundo que lhe é próprio. A identidade feminina é tributária de uma espécie de cultura das mulheres que, como tradição, marca a experiência existencial de todas elas.

Que essa cultura tenha medrado à margem do mundo dos homens, que tenha servido como pretexto a toda uma história de exclusão e como álibi ao confinamento, tudo isso, sendo verdade, não elimina sua existência ou invalida o que de melhor se gerou dentro dela: a intimidade com o sensual, o percebido tão válido quanto o provado, o sentido do que é próximo mais do que o que é próprio.

E é desse melhor da cultura feminina, dessa outra margem, que parte a crítica civilizatória que o feminismo da diferença está gerando. A dificuldade de compreender o processo em que estão mergulhadas as mulheres é justamente a de captar a dinâmica pela qual, em se apoiando na experiência feminina, elas recusam seus limites e inventam-se novas, mais próximas do mundo dos homens mas sem diluir-se em um magma indiferenciado, e o fazem armadas de um potencial crítico que se inspira na História das mulheres.

Não se trata aqui, como se poderia pensar, de uma qualquer essência que, submissa à Natureza, erradamente tomada por imutável, imobilizasse a História. Muito pelo contrário, trata-se de quebrar a oposição anacrônica entre Natureza e Cultura e surpreender-se em pleno curso de uma “história humana da Natureza”. No feminino, assim como no masculino, o corpo é experiência histórica. Quando as mulheres se voltam para o passado e se reconhecem na cultura feminina não é ao feminino como essência que se referem, mas ao feminino como experiência. Essa experiência passada encontra hoje novas vivências e exigências e é nesse processo de mutação que o feminino vai ganhando forma nova.

A emergência do Feminino como paradigma cultural vem se fazendo sem sequer dizer seu nome. Na procura de um entendimento do mundo que não se contente com a utilização exclusiva da razão por não reconhecê-la como todo-poderosa. Na recusa de aceitar o corpo como instrumento submisso da produção e na tentativa de reconquista de suas dimensões eróticas. No balbuciar de uma linguagem, às vezes ininteligível, feita mais de silêncios e de escuta que de expressão codificada, o Feminino emerge como esforço de alteridade, de reconhecimento de lugares outros de onde o humano possa contemplar sua experiência, imaginar-se diferente, conceber-se novo, mesmo se o novo busca sua seiva no que parecia passado. Talvez seja essa a insólita dialética da atualidade. Na releitura das relações humanas, a descoberta de um capital extraordinário, de uma impressionante riqueza que se encontra nelas, e sua atualização em função de um projeto que articule de maneira original as relações do público e do privado, do íntimo e do político.

Na concreção da vida, feminizá-la significa rever o lugar do trabalho na existência cotidiana de homens e mulheres, redefinir o político, interrogar a ciência e a arte pelo viés da desconstrução de conceitos e da invenção da linguagem. Essa feminização vem se dando, ainda que não se a chame como tal ou que nela não se tenha identificado a marca do Feminino.

Quando a humanidade se dá conta da necessidade de retomar o diálogo com a Natureza depois de um fracassado projeto de se desvencilhar dela ou de ignorá-la, talvez seja pela mediação do Feminino emergente que essa retomada de contato se possa dar. Em um tempo em que lembrar à humanidade sua dimensão natural significava atraso e reacionarismo, identificar as mulheres como mais próximas da Natureza significava diminuí-las, colocá-las, de certa maneira, aquém do Humano, monopolizado pelos homens, situá-las em um plano inferior

de desenvolvimento, o que justificava a necessidade de tutela e controle. O lugar inferior ocupado pelas mulheres na relação com os homens teve, ao mesmo tempo, como causa e efeito, numa circularidade perfeita, a identificação por todos – inclusive pelas mulheres – do Feminino com animalização, com atração descontrolada pelo prazer, com ameaça ao princípio de realidade que, supostamente, funda a civilização pelo viés do controle instintual e do primado da Razão.

A desconstrução dessas convicções, que serviram de fundamento não só à convivência hierarquizada entre os sexos como à relação particular que cada sexo estabeleceu com a Natureza, vem se dando em ritmo acelerado neste fim do século XX. O paradigma da separação entre Natureza e Cultura entra em decadência, vítima de seus próprios sucessos que ameaçam redundar em esmagador fracasso. Os movimentos ecológicos têm sido arautos de uma necessidade vital de repensamento da História do homem e de sua teleonomia.

A presença do natural no Humano é retomada hoje, não como passadismo mas como exigência de modernidade. O diálogo com a Natureza pressupõe um *aggiornamento* que parece mais fácil às mulheres, que dela menos se distanciaram.

A emergência do Feminino é, ao mesmo tempo, um sintoma difuso de nossa época e o desejo consciente de mulheres, algumas mulheres, que nele depositam seu contributo à civilização. O exercício desse desejo contém riscos. As mulheres que escaparam do Eterno Feminino e do mimetismo com os homens para o acidente da vida estão aceitando corrê-los. O que tentam viver não é essência cristalizada, não é imanência nem predestinação. É um *continuum* em que corpo, cultura, história e lugar social interagem, o que comporta inserção e configurações insólitas. O que defendem é uma igualdade inédita entre os sexos, o primado da diferença sem hierarquia e sem ambiguidade.

Às vezes, pensando no movimento de mulheres, na eferescência existencial e intelectual por ele gerada, nos riscos que corremos, me vem à lembrança um mito da Índia contado por Henri Desroche. Um faquir, depois de preparar cuidadosamente um laço na ponta de uma corda, joga-a para o alto e, seguro de que o laço se prendera em algum lugar além-nuvens, tranquilamente sobe por ela. E, diante do pasmo dos incréus, desaparece nas alturas, seguro na corda a que se prendera, quem sabe, em sua esperança. Porque a esperança é assim. Parece ilusória, mas essa ilusão vai impregnando a realidade e constituindo-a, força atuante que é dentro dela.

O movimento de mulheres foi – é – para mim, para minha geração, essa corda em que subimos para provar que, ao alcance da mão, se oferece a nós um mundo mais terno, mais suave. Se assim não for, o fato de termos podido imaginá-lo já nos terá aproximado, talvez, de um objetivo mais modesto, mas quão precioso, o de inaugurar relações humanas em que a aceitação da diferença sem desigualdade reconcilie homens e mulheres e ponha fim ao desencontro das mulheres consigo mesmas.

R.D.O.
Setembro de 1991